



DINÂMICA PRODUTIVA DA REGIÃO SUL MARANHENSE: UMA ANÁLISE COM BASE NOS INDICADORES DE LOCALIZAÇÃO

**Nayara Silva Santos
Nilton Marques Oliveira
Rodolfo Alves Luz
Waldecy Rodrigues**

Resumo: Uma estratégia de desenvolvimento que busque reduzir as desigualdades territoriais precisa estimular as atividades econômicas da região. Para isso é necessário conhecer as características da região, de sua estrutura produtiva, das tendências evolutivas e de suas especialidades. Este artigo se propõe a analisar a dinâmica da estrutura produtiva da região sul Maranhense, com base nos indicadores de localização quociente locacional (QL) e índice de concentração de Hirschman Herfindahl (IHH) no período de 2007 a 2017 a partir do emprego formal. A região sul do Maranhão é formada por 49 municípios tendo população estimada em mais de 1,3 milhões (IBGE, 2018). Como região estrategicamente delimitada o Sul Maranhense ganhou projeção a partir das discussões de emancipação político-administrativa do Maranhão do Sul. Os resultados apontam que nos municípios da região sul maranhense apesar da predominância dos setores da administração pública e a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca, na região existe dinâmica pulsante em outros setores, decorrente de pequenos polos de pulsação econômica.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Região sul do Maranhão. Indicadores de localização.

1. Introdução

O crescimento econômico, apesar de não ser condição suficiente, é indispensável para o desenvolvimento de um país, região ou município, pois está relacionado ao aumento da produção e consumo de bens e serviços.

As teorias de desenvolvimento regional mostram que em um território/ região as atividades econômicas desenvolvem-se de forma desigual em virtude da existência de distintas estruturas produtivas e disponibilidades de recursos, independentemente de políticas. Logo uma estratégia de desenvolvimento que busque reduzir as desigualdades territoriais precisa estimular as atividades econômicas de uma região. Para isso é necessário conhecer as características da região, de sua estrutura produtiva, das tendências evolutivas e de suas especialidades (MATTEI; MATTEI, 2017).

Nesse processo a análise regional busca quantificar os setores ou ramos de atividades econômicas mais dinâmicas em determinada região, a partir das medidas de



localização. Essas medidas fornecem elementos explicativos para os conhecimentos dos padrões de localização das atividades produtivas e sua capacidade de atração e de adensamento ao longo do tempo (OLIVEIRA; PIFFER, 2018).

Com base nos indicadores de localização este artigo buscou analisar a dinâmica da estrutura produtiva da região sul Maranhense, com objetivo de entender os padrões de localização das atividades produtivas e sua capacidade de atração e de adensamento no período 2007-2017 a partir dos dados de emprego formal.

A região Sul Maranhense é composta por 49 municípios com uma população de um pouco mais de 1,3 milhões de habitantes. Economicamente a Região Sul do Maranhão tem uma dinâmica econômica pulsante, tendo como principais atividades a indústria (o trabalho de transformar alumínio e alumina, celulose, alimentícia, madeireira), os serviços, extrativismo vegetal, a agricultura e a pecuária. Um dos grandes impactos sobre o desenvolvimento do Sul do Maranhão ocorreu com a construção de Brasília, que abriu os caminhos para a região central do País, que deram ensejo ao surgimento de empreendimentos de maior porte como o polo Agrícola Mecanizado de Balsas e o polo Siderúrgico de Açailândia. Isso possibilitou também o crescimento e consolidação da cidade de Imperatriz como um polo comercial e de prestação de serviços (MARANHÃO, 2001). A criação da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), em 2016 é visto como uma possibilidade de reascender o debate sobre emancipação da região.

Para alcançar objetivo pretendido foi utilizado o Quociente Locacional (QL) e Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) tendo como referência o estado do Maranhão, pois objetivo é comparar a participação percentual da mão de obra de município em determinado setor com a participação percentual no total do Estado, a fim de ver a importância de determinado setor em um dado município para a economia estadual.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta o referencial analítico da investigação, fazendo uma breve síntese das perspectivas do desenvolvimento regional. Na segunda seção é apresentada a metodologia que esboça a maneira como trabalho conduzido. A terceira apresenta os resultados da pesquisa e a quarta seção traz as considerações finais do trabalho.

2. As perspectivas do desenvolvimento regional

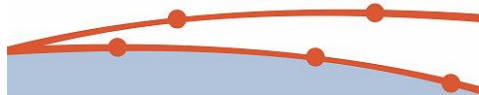


O desenvolvimento nacional, desde revolução capitalista, é objetivo comum das economias modernas tendo ocupado parcela significativa nas políticas públicas econômicas. Nos anos 1950, começa a se estruturar um ramo da ciência dedicado ao estudo do desenvolvimento regional. As teorias do desenvolvimento regional servem para dar suporte às políticas econômicas que alavancam a sociedade regional (PRATA, 2015).

Acompanhando as transformações estruturais da economia, as teorias de desenvolvimento regional mudaram consideravelmente ao longo do tempo. Essa evolução pode ser sistematizada em três grandes blocos, o primeiro abarca as teorias clássicas de localização, desenvolvidas a partir dos trabalhos de Von Thünen em 1926 e de Isard em 1956; no segundo bloco teorias do desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração, que evoluíram da abordagem de Marshall em 1890 e Keynes em 1936 cujos principais representantes foram Perroux (1967), Myrdal (1965) e Hirschman (1961), que enfatizavam o desenvolvimento através da industrialização; e o terceiro compreende as teorias recentes da economia regional (CAVALCANTE, 2008).

Os teóricos da localização foram os grandes responsáveis pela inserção do elemento espaço na teoria econômica. O propósito central dos autores das teorias espaciais ou de localização era construir modelos capazes de explicar as razões das disparidades territoriais ou da concentração das atividades produtivas. Alfred Marshall foi um dos primeiros autores a por em evidência o elemento espaço nas análises econômicas. Para Marshall, historicamente a atividade econômica tende a se localizar em algumas regiões, devido vantagens espaciais que surgem de forma independente e que acabam atraindo outras atividades, promovendo um crescimento diferenciado em relação a outras localidades. Essa movimentação gera uma diversificação industrial que por sua vez vai proporcionar a redução de custos da mão de obra, elevação de emprego e renda. As vantagens locais podem ser a proximidade de porto ou rio navegável, jazidas minerais, terras férteis, disponibilidade de alguma matéria-prima, entre outras (SOUZA, 1981).

Os trabalhos enfatizando o elemento espaço cresceram consideravelmente a partir da década de 1920. O aumento das disparidades regionais, os efeitos diversos das crises inspiravam os economistas a direcionar atenção aos estudos regionais, o que contribuiu para ascensão teórica desse campo. Na Europa, a necessidade de se reconstruir, depois da segunda guerra mundial, fez que os estudos regionais fossem intensificados. Nesta ocasião



emergiram vários planos e estudos de desenvolvimento regional, como o de Rossentein-Rodan, de 1943, para o Sul da Europa, de François Perroux e Jacques Boudeville para França, de Davin e Paelinck para Bélgica (SOUZA, 1981).

A partir da década de 1950 conceitos importantes foram sistematizados, dentre os principais foram: o conceito de "polo de crescimento" de François Perroux, (1955); o conceito de causação circular cumulativa Myrdal (1957); o conceito de "efeitos para trás e para frente" de Hirschman (1958). Esses modelos destacam as interdependências setoriais como fator de localização das indústrias e, por consequência, de crescimento regional (CAVALCANTE, 2008).

A teoria de polos de crescimento introduzida por Perroux não se baseia na concorrência entre as fábricas presentes num determinado lugar, mas na dinâmica que empresas específicas, que pela sua posição e tamanho podem exercer influência sobre as demais, firmando um papel dominante sobre elas. O crescimento é então processo empurrado e se propaga pelo desequilíbrio, sob o impacto da ação privilegiada de certos agentes (unidades motrizes) (LIMA, 2006). Exatamente por isso o crescimento não surge em toda parte, ao contrário, manifesta-se em pontos ou polos de crescimento, com intensidades variáveis, sendo transmitido através de diversos canais e com efeitos finais nas variáveis que compõe a economia.

Buscando explicar a natureza desigual do desenvolvimento econômico, Myrdal (1965) elaborou seu construto teórico com ênfase na investigação nas causas das desigualdades entre países e regiões e a razões pela quais as disparidades tendem a aumentar. Myrdal (1965) faz uma análise macropolítica do desenvolvimento, e nessa análise ele considera que o desenvolvimento se dá de formas diferentes entre os países e regiões. Em sua Teoria da Causação Circular Cumulativa, busca mostrar que o crescimento da economia em uma região, gera um "Círculo Virtuoso", tanto no sentido da pobreza como da riqueza, impulsionado pelo movimento de capitais, migração de capital humano, aumento da taxa de natalidade, etc. De um modo inverso, as economias não beneficiadas por esse processo desenvolvem um "Círculo Vicioso" em que o fechamento de empresas, amplia o desemprego, que por sua vez diminui a renda da região, que gera novos desempregos.

A visão central da teoria de Myrdal é de que a economia é formada por uma cadeia de desequilíbrios, e que ao contrário do que prega à teoria tradicional (clássica e neoclássica) o equilíbrio estável da economia não será garantido pelos mecanismos de mercado. Isso porque o sistema não se move espontaneamente, entre forças, na direção de



um estado de equilíbrio, mas, constantemente, se afasta dessa posição. Neste sentido, o autor procurou demonstrar que o jogo das forças do mercado tende, em geral, a aumentar e não a diminuir as desigualdades regionais. É por força dessa constatação que Myrdal (1957) defende a intervenção do Estado para conter as forças de mercado, que, de outra forma, tenderiam a acentuar os níveis de desigualdade regional.

A partir dos conceitos de efeitos para trás (*backward linkages*) e para frente (*forward linkages*), Hirschman (1958) também tratou da teoria de aglomeração e discute a questão regional. Segundo o autor o desenvolvimento econômico, em uma determinada região seria dificultado por uma série de círculos viciosos entrelaçados sendo necessário encontrar meios, processos de incentivo que farão eclodir e mobilizar o maior número possível de recursos escassos, tais como capital e atividade empreendedora (HIRSCHMAN, 1958). Hirschman considera o crescimento um processo geograficamente desequilibrado, enfatizando que o progresso de determinada localidade gera pressões, tensões e compulsões no sentido de gerar desenvolvimento nas localidades circunvizinhas. Essas ações se traduzem forças que atuam sobre as regiões gerando efeitos favoráveis e adversos (efeito para trás e para frente). Os efeitos desfavoráveis são os chamados efeitos de polarização, podendo-se destacar a migração seletiva e a depreciação de atividades na área estagnada tendo em vista a concorrência com a área progressista. Os efeitos favoráveis são determinados pelos efeitos fluentes ou de gotejamento no qual as regiões mais atrasadas poderiam se beneficiar da expansão dos polos caso a mesma fosse dependente de seus produtos, logo, as regiões consideradas mais atrasadas exerceriam o papel de fornecedoras de matérias-primas e produtos para as regiões progressistas (OLIVEIRA, 2010).

Em síntese, as teorias de desenvolvimento regional com ênfase nos fatores de aglomeração procuraram mostrar que a presença ou a ausência de economias de aglomeração e de desaglomeração influenciam a localização de atividades, que por sua vez acabam favorecendo o desenvolvimento de regiões. Nos anos de 1960 a 1970 essas teorias tiveram um impacto muito forte na orientação das políticas de desenvolvimento no Brasil, mas assim como as teorias com enfoque locacional, recebem diversas críticas. Os julgamentos referem-se à excessiva generalidade dos conceitos, além de estarem extremamente associados ao planejamento centralizado, "top down".

A partir dos anos 1980 o desenvolvimento passa ser analisado sob um prisma local (endógeno). O local ressurgiu impulsionado pela globalização, reorganização produtiva; pela



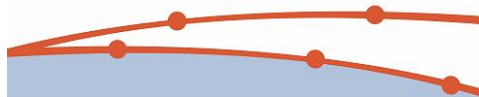
supressão dos regimes autoritários e o conseqüente processo de descentralização política; e o reconhecimento de novos atores sociais. No enfoque do desenvolvimento local o espaço deixa de ser interpretado apenas como um suporte físico das atividades e dos processos econômicos, e passa a ser aceito como agente de transformação social. Da mesma forma, a sociedade local deixa de ser um agente passivo, e torna-se protagonista de um do projeto de transformação em curso, a partir das particularidades territoriais passa a desempenhar iniciativas próprias, com integração ao plano econômico, político, social e cultural (MARTINELLI; JOYAL 2004).

Jair Filho (2011) o desenvolvimento local é, na verdade, uma estratégia proativa cujo interesse é combater a cultura passiva encontrada nas localidades. Baseia-se na visão de que o problema da desigualdade regional não é somente um problema de renda, mas de “incapacidade” de geração de renda. Desse modo, é reconhecida a relevância dos estudos sobre as regiões, para proporcionar um entendimento adequado de sua realidade, que se apresenta de forma complexa e contraditória em seus elementos ambientais, culturais, econômicos, políticos e sociais (HAESBAERT, 2010).

A riqueza e a diversidade das teorias de desenvolvimento regional devem ser valorizadas como modelos de compreensão, aprendizado e de orientação para o fortalecimento e transformação das economias regionais (LIMA, 2006). E que, independente da abordagem teórica utilizada à habilidade das regiões em criar, equilibrar e atrair empregos no decorrer do tempo é ligado diretamente ao desenvolvimento econômico. Por esta razão os indicadores de Análise Regional são mecanismos importantes para análise do desenvolvimento regional (DE SOUSA et al., 2017).

3. Procedimentos Metodológicos

Para analisar a dinâmica produtiva é necessário entender a especificidade dos setores produtivos da região e estudar o seu peso em relação à estrutura industrial do Estado. Para alcançar esse objetivo na região Sul Maranhense foi utilizado o Quociente Locacional (QL) e Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) tendo como referência o estado do maranhão, pois objetivo é comparar a participação percentual da mão de obra de município em determinado setor com a participação percentual no total do Estado, a fim de ver a importância de determinado setor em um dado município para a economia estadual.



Para Suzigan *et al* (2003), os indicadores permitem verificar a distribuição espacial, identificar especializações regionais e mapear movimentos de deslocamento regional das atividades econômicas, sejam decorrentes de processos de concentração ou de descentralização econômica.

O Quociente Locacional (QL), como indicador de localização, mostra o comportamento locacional dos ramos de atividade, expressando os setores mais especializados na região comparando-a uma macrorregião permitindo-nos calcular a participação relativa de cada atividade econômica. Segundo (XU; CHENG; XU, 2018) a vantagem do método QL reside na sua eficácia e cálculo simples e distinto. Sendo extensivamente aplicado em análise regional e análise de estrutura industrial, tornando apropriado para captar a vantagem ou desvantagem de determinados setores em uma região. O indicador o Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH) visa captar o real peso da atividade ou setor na estrutura produtiva do município da região. Quando O IHH > 0 indica que a atividade ou setor *i* do município *j* da região é mais concentrada e, portanto, tem maior poder de atração de outras atividades de sua cadeia produtiva. O quadro 1 mostra as equações de referência utilizadas para cálculo do QL e IHH:

Quadro 1: Equações para cálculo do QL e IHH

Indicador/ Equação	Interpretação dos resultados
<p>Quociente Locacional</p> $QL = \frac{PO_{ij}/PO_{it}}{PO_{tj}/PO_{tt}} \quad (1)$	<p>QL ≤ 0,49 localização fraca; QL ≥ 0,50 e ≤ 0,99/ localização média; QL ≥ 1 localização significativa.</p>
<p>Índice de Hirschman-Herfindahl</p> $IHH = \frac{PO_{ij}}{PO_{it}} - \frac{PO_{tj}}{PO_{tt}} \quad (2)$	<p>IHH > 0 = poder de atração significativo IHH < 0 = poder de atração não significativo</p>
<p>Onde: PO_{ij}= Pessoas ocupadas, no setor <i>i</i> no município <i>j</i>; PO_{tj}= Total de pessoas ocupadas, no município <i>j</i>; PO_{it}= Pessoas ocupadas, do setor <i>i</i> na região de referência; PO_{tt}= Total de pessoas ocupadas, na região de referência;</p>	

Fonte: Elaboração própria.

A variável utilizada foi pessoas ocupadas (empregados) distribuídas por setores de atividades. Presume-se que os ramos mais dinâmicos empreguem mais mão de obra no transcorrer do tempo. Portanto, a ocupação da mão de obra é espelho da geração e



distribuição da renda regional. Isto incentiva o consumo e por consequência, o desempenho da região.

Os dados de emprego formal foram coletados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), considerando os oito setores de atividade definidos pelo IBGE (extrativa mineral; indústria de transformação; serviços industriais de utilidade pública; construção civil; comércio; serviços; administração pública; agropecuária, extração vegetal caça e pesca). Os anos de 2007 e 2017 foram escolhidos para permitir uma avaliação da mudança de alguns indicadores e para proporcionar um estudo atualizado do panorama regional da região sul do maranhense.

A região Sul Maranhense, objeto de estudo de trabalho, é composta por 49 municípios com uma população de um pouco mais de 1,3 milhões de habitantes. A três principais cidades da região, considerando população, são Imperatriz com aproximadamente 258.000 habitantes; Açailândia com população estimada em 111.757 e Balsas com 93.826 habitantes (IBGE, 2018). Dos municípios da região, apenas Imperatriz é classificada com IDH alto (0,731 IDH); 44,89% IDH médio; 48,97% baixo IDH e 4,08% estão faixa de IDH muito baixo (2010).

4. Dinâmica produtiva da região Sul Maranhense

A região sul do Maranhão tem uma dinâmica econômica pulsante, como região estrategicamente delimitada o Sul Maranhense ganhou projeção a partir das discussões de emancipação político-administrativa do Maranhão do Sul o que reforça a importância de analisar a dinâmica produtiva da região. Nos últimos anos a econômica da região sul maranhense cresceu significativamente, apesar da crise econômica ter desacelerado o crescimento, o PIB de 2012 a 2016 cresceu 41% sendo puxado principalmente pelo setor de serviços.

No primeiro momento da análise os resultados já evidenciam que os principais ramos de atividade na região são a administração pública e o setor agropecuário. Em 2007 cerca de 81% dos municípios apresentaram $QL \geq 1$ no setor agropecuário, em 2017 esse percentual caiu para 79,6% dos municípios $QL \geq 1$. Na administração pública em 2017 aproximadamente 71% apresentaram $QL \geq 1$, e em 2018 o percentual subiu para 81% com $QL \geq 1$. Embora esses dois setores se sobressaiam na região, os demais setores em muitos



municípios apresentam resultados bem expressivos. A tabela 1 mostra os municípios que evidenciaram uma configuração mais diversificada, apresentando localização significativa nos diversos setores.

Tabela 1. QL dos municípios apresentaram localização significativa nos diversos setores.

Municípios da Região	Administração Pública		Ind. de Transformação		Serviços Industriais		Construção Civil		Comércio		Serviços		Extrativa Mineral		Agropecuária	
	2007	2017	2007	2017	2007	2017	2007	2017	2007	2017	2007	2017	2007	2017	2007	2017
Sul do Maranhão	0,44	0,58	2,57	3,06	0,35	0,44	1,87	1,13	0,81	1,00	0,71	0,89	0,04	0,00	6,02	4,37
Açailândia	0,65	0,59	0,54	0,67	0,55	0,56	0,44	0,68	2,18	1,65	0,62	0,82	4,00	1,50	3,33	5,15
Balsas	1,11	1,29	0,42	1,82	0,29	0,14	0,05	0,15	1,01	1,14	0,69	0,51	0,00	0,00	4,62	0,89
Barra do Corda	1,34	1,47	0,71	0,10	0,13	0,70	3,56	0,31	0,75	1,03	0,07	0,34	0,00	0,00	0,97	3,56
Buriticupu Campestre do Maranhão	0,77	1,08	3,93	3,92	1,15	1,70	0,25	0,32	0,14	0,41	0,07	0,08	0,00	0,00	9,47	9,06
Davinópolis	0,03	0,66	9,18	0,67	0,00	0,00	0,36	0,10	1,40	3,20	0,09	0,06	0,00	0,00	1,76	1,13
Estreito Governador Edison Lobão	0,56	1,08	1,82	0,97	1,22	3,74	5,42	1,13	1,14	1,40	0,25	0,39	2,01	0,86	1,12	1,75
Grajaú	0,77	1,03	6,43	8,23	0,00	0,00	0,00	0,10	0,48	0,44	0,20	0,12	7,55	0,26	2,62	2,21
Imperatriz Itinga do Maranhão	0,71	1,10	0,73	1,24	0,50	1,09	0,05	0,23	0,42	0,84	1,68	0,59	4,14	7,21	4,77	5,39
Imperatriz	0,30	0,45	1,42	1,88	1,14	0,74	0,77	1,32	2,20	1,67	1,24	1,16	0,52	0,27	0,97	0,35
Itinga do Maranhão	0,98	1,04	4,46	2,06	0,05	0,09	0,01	0,30	1,00	0,83	0,10	0,26	1,00	0,00	2,37	8,59
Pastos Bons	1,75	1,74	0,04	0,16	2,04	0,00	0,25	0,71	1,05	1,05	0,05	0,04	1,49	18,94	1,03	0,25
Porto Franco	1,08	0,96	1,46	2,14	1,80	1,87	0,31	0,06	1,08	1,36	0,55	0,45	20,80	9,85	1,64	2,90
Ribamar Figueira São Domingos do Azeitão	1,43	1,68	1,52	0,68	0,00	0,20	0,00	0,00	0,28	0,35	0,00	0,05	14,75	6,08	6,42	7,72
Vila Nova dos Martiros	1,32	1,60	0,00	0,17	0,00	0,00	0,39	0,48	1,05	1,03	0,20	0,09	0,00	0,00	5,57	3,83
Martiros	0,93	1,09	0,00	0,37	0,00	0,00	0,00	0,12	0,17	0,23	2,29	1,29	0,00	0,00	1,50	5,92

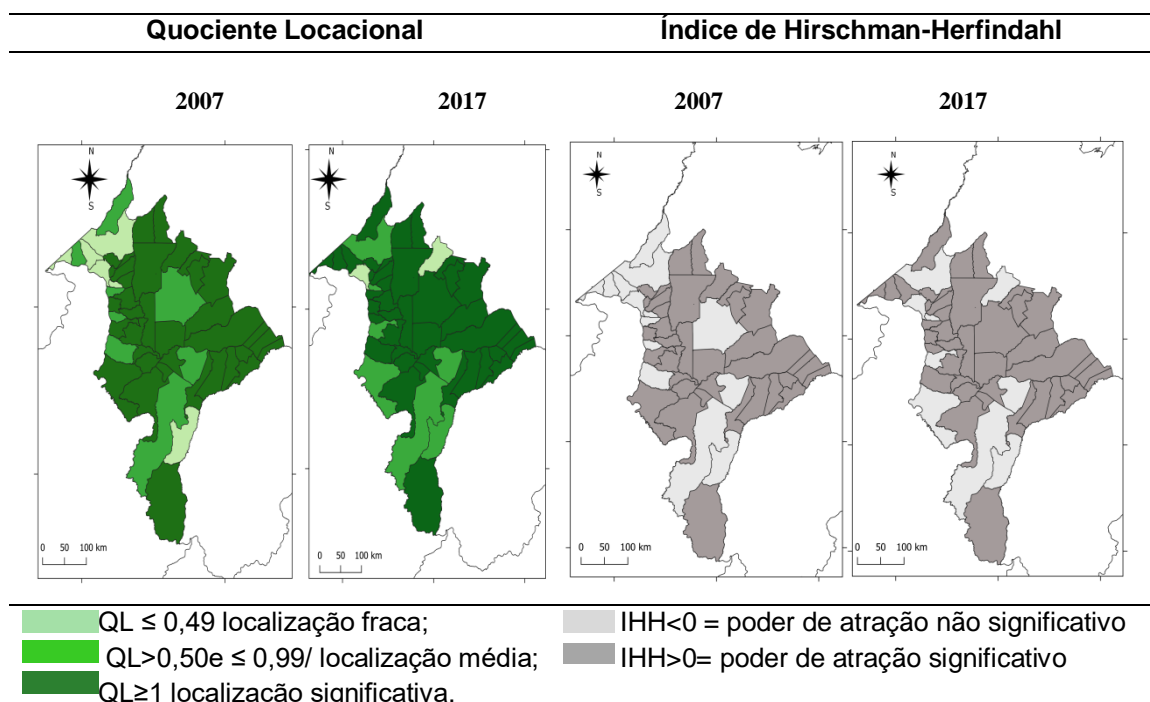
Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da RAIS (2007 e 2017).

Administração pública (setor 1, figura 1) tem destaque, sobretudo nos municípios com população de até 15 mil habitantes, que representa 51% dos municípios da região. O que torna evidente a dependência do setor da administração pública, para geração do emprego e renda. A dependência do setor público é uma realidade dos pequenos municípios brasileiros, segundo Massardi e Abrantes (2014) grande parte dos municípios brasileiros além do alto nível de dependência existe baixo esforço fiscal que é grau de exploração da capacidade tributária, considerada como competência de uma jurisdição de gerar receitas próprias.

Analisando comparativamente os períodos é possível ver que o QL desse setor aumentou em alguns municípios, em 2007, 71% dos municípios da região sul Maranhense apresentaram localização significativa no setor, em 2017 o número de municípios com localização significativa subiu para 81%. O que pode ser reflexo da crise econômica que diminuiu a quantidade de empregos formais em determinados setores e o setor público, por

consequente passou a ter mais representação. O Índice de concentração de Hirschman-Herfindahl (IHH) ratifica o panorama evidenciado pelo QL mostrando que a administração pública exerce atração na maior parte dos municípios da região sul maranhense.

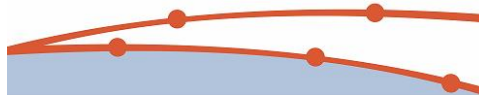
Figura 1 – QL e IHH da administração pública 2007- 2017



Fonte: Elaboração própria.

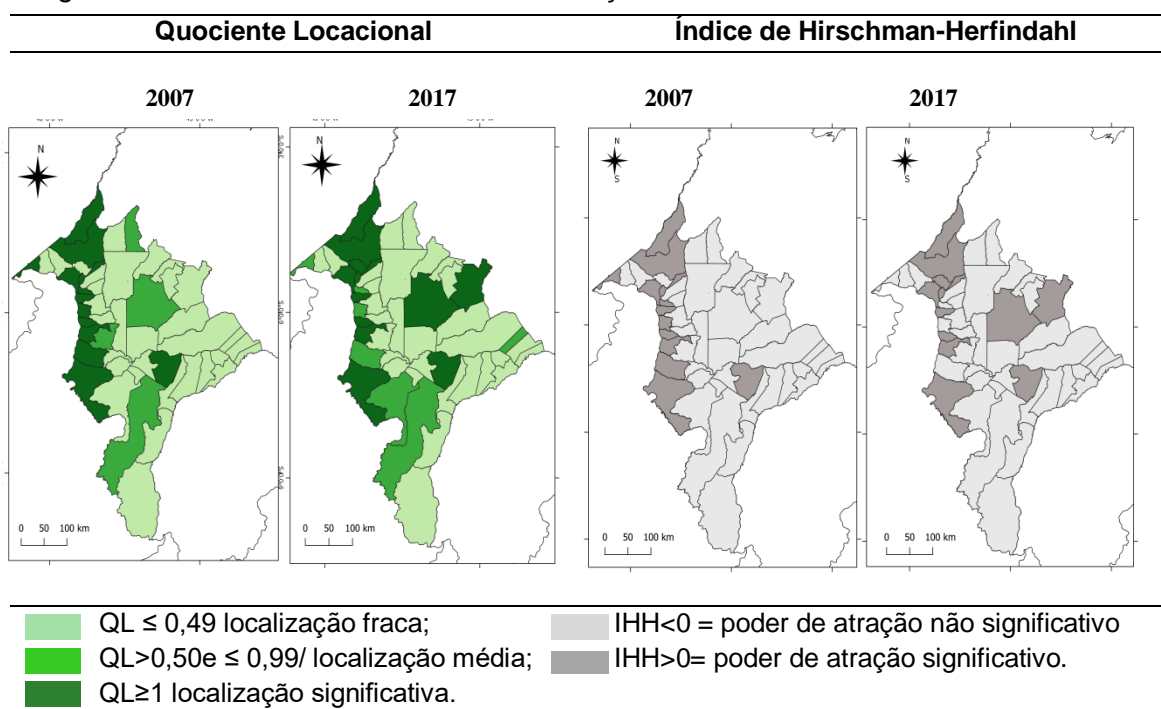
No ramo da construção civil (setor 2), tanto o QL quanto o IHH, mostram que em 2007, Estreito, Buriticupu e Açailândia com localização e poder de atração significativo. Em Estreito o setor foi aquecido pela construção da usina Hidrelétrica de Estreito, em Açailândia setor de construção civil acaba sendo influenciado pela demanda da área industrial do setor siderúrgico. Em 2017, imperatriz passa a fazer a parte dos três municípios com QL ≥ 1 juntamente com Açailândia e Estreito que apesar do quociente ter diminuído, dado a conclusão da construção da hidrelétrica, a localização permanece significativa para o setor.

Na indústria de transformação (setor 3, figura 2) no ano 2007, aproximadamente 26,5% dos municípios apresentou localização significativa (QL ≥ 1), sendo eles: Açailândia, Campestre do Maranhão, Carolina, Davinópolis, Estreito, Governador Edison Lobão,



Imperatriz, Itinga do Maranhão, Joao Lisboa, Porto Franco, Ribamar Fiquene, São Pedro da Agua Branca e São Raimundo das Mangabeiras. Em 2017 o percentual de municípios com localização significativa foi 24,5% dos municípios, sendo: eles Açailândia, Barra do Corda, Campestre do Maranhão, Carolina, Governador Edison Lobão, Grajau, Imperatriz, Itinga do Maranhão, Joao Lisboa, Porto Franco, São Francisco do Brejão, São Raimundo das Mangabeiras.

Figura 2 – QL e IHH indústria de transformação 2007- 2017



Fonte: Elaboração própria.

As atividades presentes nesses municípios que expliquem a localização significativa no setor são diversas, em São Raimundo das Mangabeiras e Campestre, por exemplo, se destacam pela indústria sucroalcooleira, Açailândia pela transformação do ferro-gusa (matéria-prima fundamental para a produção de aço), Governador Edison Lobão com o polo coureiro, Porto Franco pelo processamento e comercialização soja e derivados, Imperatriz e Cidelândia indústria de celulose. A análise com base no IHH mostra que esses municípios tem atração no setor da indústria de transformação. Durante o período em análise houve uma reconfiguração mínima do cenário geral, em 2007 aproximadamente 26,5%

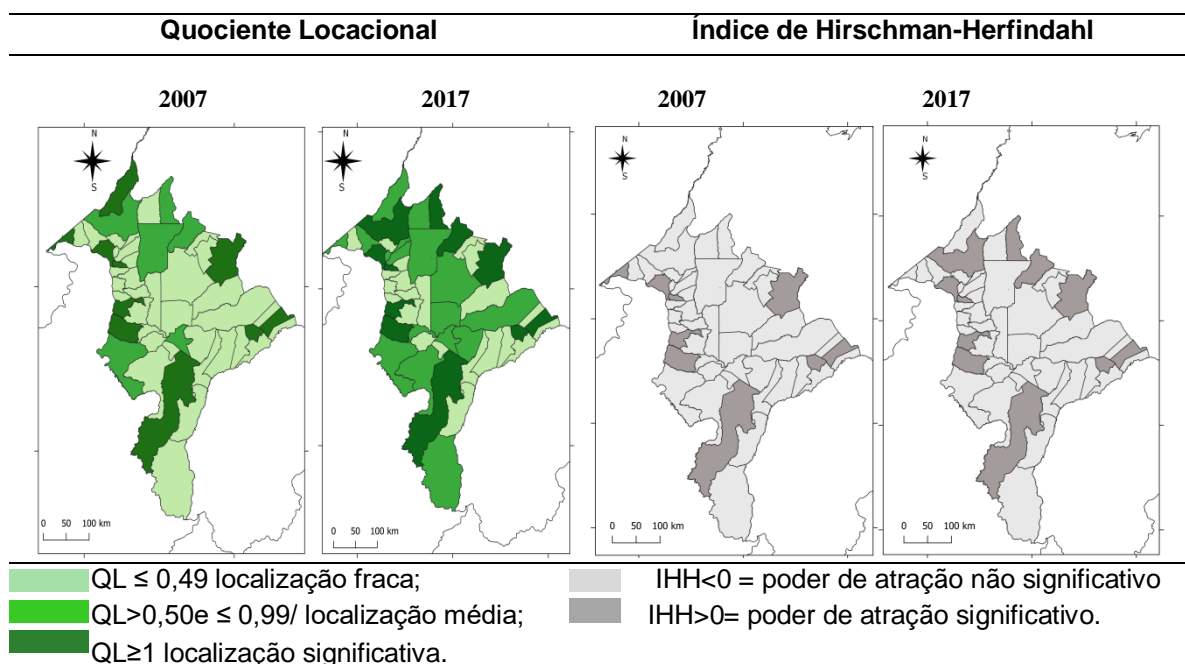


apresentaram poder de atração significativa, em 2017 o percentual caiu para 24,5% dos municípios.

O ramo de atividade de Serviços Indústrias de Utilidade Pública (setor 4) representa os serviços que são disponibilizados diretamente pelo poder público ou por terceiros, devidamente regulamentados, estes abrangem: os serviços de transporte coletivo, energia elétrica, água, gás, redes de esgoto, telefonia entre outros. Em 2007 sete municípios apresentaram $QL \geq 1$, com destaque para os municípios Porto Franco, Compestre do Maranhão, Estreito. Em 2017, foram apenas seis municípios, permanecendo os três anteriormente citados como destaque. A análise realizada do QL é reafirmada ao contrapor à na análise do IHH, os municípios que apresentam localização significativa são aqueles que têm de fato poder de atração, em 2007 eram 14,3%, em 2017 cerca de 12% dos municípios demonstraram poder de atração significativo no setor.

No ramo de Comércio (setor 5, figura 3) em 2007 aproximadamente 20,4% apresentaram localização significativa, 10,2% localização média e 69,4 localização fraca. Numa tendência positiva no ano de 2017 dos municípios da região 22,4% apresentaram localização significativa, 32,0% localização média, 45,6% localização fraca. O IHH confirma poder de atração significativa para aqueles municípios que apresentaram $QL \geq 1$.

Figura 3 – QL e IHH Comércio 2007- 2017



Fonte: Elaboração própria.

icas e Transformações Territoriais

Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019

ISSN: 2447-4622

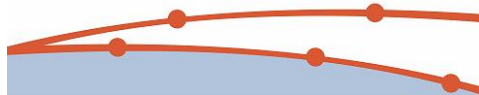


Os resultados de localização e poder de atração forte e média aparecem de forma dispersa no mapa que aponta que existe um fortalecimento do setor em toda a região, por outro lado esse resultado pode ser em decorrência da crise, segundo IBGE (2016) por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de trabalhadores autônomos (que trabalham por conta própria, sem funcionário remunerado) teve crescimento de 39% em comparação a 2012. Essa pode ser uma via para que os municípios cure a dependência do setor público encontre dinamismo econômico com base em outros setores.

O setor de serviços como ramo produtivo tem papel fulcral na economia brasileira, representa a maior porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e os serviços é a principal fonte de geração de empregos impostos à União e aos municípios. Na região o setor de serviços, mesmo com uma redução no ritmo de desenvolvimento de 2012 a 2016 cresceu 56%, representando um total de 42% do PIB da região.

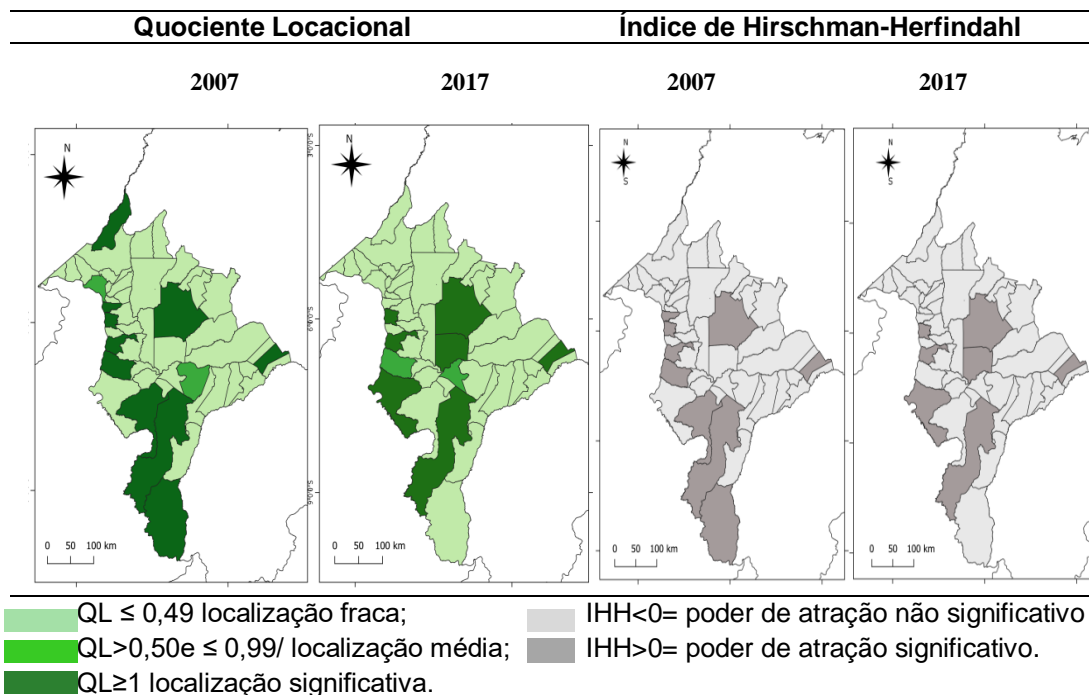
Na região o setor de serviços (setor 6), no ano de 2007 apenas três municípios apresentaram $QL \geq 1$, sendo classificado como localização forte; e sete municípios apresentaram $0,50 \leq QL \leq 0,99$, com classificação de localização média. Apesar do crescimento apenas os municípios de Grajau, Imperatriz e Vila Nova dos Martírios demonstraram poder de atração significativo no setor em 2007, com base no IHH. No ano de 2015, numa tendência negativa, apenas Imperatriz e Vila Nova dos Martírios permanecem com o poder de atração significativo para o setor de serviços. Imperatriz é uma cidade considerada polo na região Tocantina no setor de serviços e Vila Nova dos Martírios se destaca nesse setor por oferecer serviço de suporte relacionado aos projetos como a plantação de eucaliptos na região destinada à fábrica da Suzano Papel & Celulose, em Imperatriz, ou para abastecer os fornos das usinas de ferro gusa (OLIVEIRA, 2017).

A indústria extrativa mineral (setor 7, figura 4) é responsável pela retirada de minérios da natureza para utilização interna e também pelo comércio externo. Na região esse setor produtivo em 2007, apesar 75,6% dos municípios localização fraca e 4% localização média para atividade o setor esboçou resultados significativos, dos 20,4% (dez



municípios) que apresentaram s municípios apresentaram localização forte para atividade sete municípios obtiveram $QL \geq 4$.

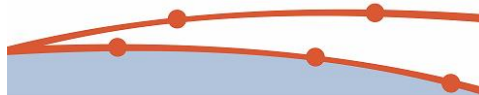
Figura 4 – QL e IHH extrativa mineral 2007- 2017



Fonte: Elaboração própria.

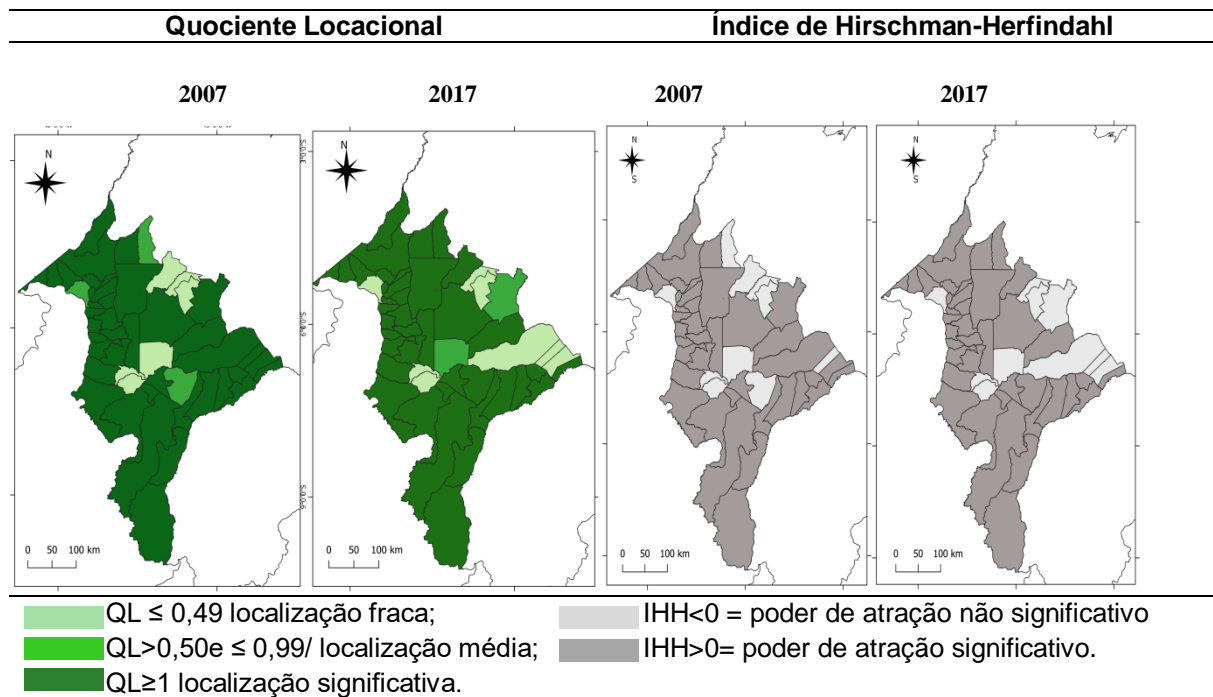
Os municípios de Alto Parnaíba, Porto Franco e Pastos Bons se destacam pela extração de calcário, Grajaú com uma forte extração e beneficiamento de gipsita. Já em 2017 aproximadamente 14,7% expressaram forte localização para a atividade, 4% localização média. O IHH mostra que 18,4% dos municípios têm poder de atração significativo em 2007 e em 2017 apenas 14,3% dos municípios demonstraram esse poder de atratividade para esse setor. Confirma o destaque dos municípios de Balsas, Grajau, Pastos Bons, Porto Franco, Ribamar Fiquene.

No setor de agropecuária (setor 8, figura 5), extração vegetal, caça e pesca, nos anos 2007 e 2017 apresentaram resultados semelhantes sendo respectivamente localização fraca 12% e 16% dos municípios, localização os resultados 4% para os períodos analisados e localização forte 83,4% e 80% aproximadamente. Estes resultados demonstram que este ramo de produção região é expressivo o que revela uma economia de base primária de



exportação, como a da soja, do milho, da pecuária. Com destaque nos dois períodos para os municípios de Campestre do Maranhão, Fernando Falcão, Loreto e Tasso Fragoso, Balsas.

Figura 5 – QL e IHH agropecuária, extração vegetal, caça e pesca 2007- 2017



Fonte: Elaboração própria.

A Região de Balsas, no sul-maranhense, é a área mais produtiva do segmento de agronegócios do Maranhão, com foco centrado na produção de grãos, em especial, soja e milho. A produção regional de soja, em 2014 corresponde a 84,9% da produção total do estado do Maranhão e a produção de milho corresponde a 69,2% do total estadual. A cana de açúcar é outra cultura muito importante para a região, garantindo suprimento de matéria prima para a indústria de álcool. A região produz 907.500 toneladas, ou seja, 34,1% de toda a produção estadual de cana de açúcar, com destaque para os municípios de São Raimundo das Mangabeiras e Campestre do Maranhão (FIEMA, 2017). Na região de Imperatriz (municípios circunvizinhos) a pecuária tem um dos maiores rebanhos bovino do estado, e a presença de frigoríficos e indústrias de laticínios. O IHH é reafirma essa força de atração significativa na maioria dos municípios da região.



Após a análise do QL e IHH ao comparar todos os setores produtivos da região sul maranhense os que predominam são a administração pública e a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca, mas fica notório uma dinâmica econômica presente por meio de diversos outros setores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos indicadores de localização este artigo buscou analisar a dinâmica da estrutura produtiva da região sul Maranhense, com objetivo de entender os padrões de localização das atividades produtivas e sua capacidade de atração e de adensamento ao longo do tempo.

Em linhas gerais, após a análise do QL e IHH nos municípios da região sul maranhense ficou manifesto a predominância dos setores da administração pública e a agropecuária, extração vegetal, caça e pesca. Porém a análise revela a existência de dinâmica pulsante em de outros setores, decorrente de pequenos polos de pulsação. Em 2017 cerca de 43% dos municípios apresentaram localização forte para o algum setor que não restringisse à administração pública ou agropecuária.

A região conta com municípios que tem dinâmica forte em diversos setores. Imperatriz apresentou localização significativa ($QL \geq 1$) para quatro setores (indústria de transformação, serviços, comércio e construção civil). Açailândia tem como principal atividade a produção e exportação de ferro gusa, também apresentou localização significativa para quatro setores (indústria de transformação, comércio, construção civil e agropecuária), Porto Franco um município de aproximadamente 23 mil habitantes (IBGE, 2016) tem em seu distrito industrial usina de biodiesel e uma unidade da Algar Agro que trabalha com esmagamento de grãos e refino de óleo de soja, apresentou localização forte para cinco setores (indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, comércio, extrativa mineral e agropecuária). Além disso, observa-se que os fatores de produção e conseqüente capacidade de produção e geração de riqueza estão distribuídos de forma heterogênea pela região.

É manifesto que muitos municípios da região precisam superar o quadro que ainda exprimam uma dependência do setor público como fonte principal de geração de emprego e renda. Esse quadro pode ser revertido através das políticas econômicas, fundamentais para



o desenvolvimento técnico e humano e também para consolidar a cooperação entre regiões ricas e pobres (PERROUX, 1967). E que neste ponto o Estado tem que ser forte em sua capacidade de ativação, de desenvolver políticas dirigidas os setores com base numa liderança e visão de longo prazo, bem como regras e instituições que promovem a confiança e coesão na região.

Na região a dinâmica produtiva, no período considerado, ocorreu de forma heterogênea no espaço regional, a crise econômica recente parece ter atingido alguns setores. Em consequência, as atividades produtivas de cada município e a distribuição do emprego regional têm contribuído de maneira desigual na capacidade de produção e na formação da riqueza regional. Esse desenvolvimento pode ser justificado em parte através dos pressupostos das teorias de desenvolvimento regional desequilibrado.

REFERÊNCIAS

- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. O IDHM. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/. Acesso em 08/04/2019.
- CAVALCANTE, L. R. M. T. Produção Teórica em Economia Regional: uma proposta de sistematização. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo, vol. 02, nº 1, p. 09-32, 2008.
- DE SOUSA, R. B; ALMEIDA, G.T; OLIVEIRA, N.M; LUZ, R.A. Análise locacional da estrutura produtiva da microrregião de porto nacional. **Baru**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 191, 2017.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO MARANHÃO. Maranhão investimento e oportunidades regionais. São Luís, Outubro de 2017. Disponível em https://www.fiema.org.br/uploads/revista/6211/s_raXduW2Nyg9U_ntX5WCcLH_2s8ToKt.pdf.
- FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R. Localização, concentração e vantagem competitiva dos ramos produtivos na geoeconomia paranaense. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.18, n. 29, p. 98-124, 2008.
- FERRERA DE LIMA, J.; La Diffusion Spatiale du Développement Économique Regional: L'analyse des composantes du changement spatial dans la région Sud du Brésil. Sarrebruck: Éditions universitaires européennes, 2010. v. 01. 179p.
- FILHO. Jair do Amaral. Trajetórias de Desenvolvimento Local e Regional: uma comparação entre as Regiões do Nordeste Brasileiro e a Baixa Califórnia, México. Rio de Janeiro, E-papers, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. Regional Global – Dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010



HIRSCHMAN, A. O. *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 322 p.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/habitacao/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 25/03/2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativas da população. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>.
LIMA, A. E. M. *Análise Econômica*. [s. l.], v. 45, n. Março, p. 28, 2006.

MATTEI, T.F; MATTEI, T.S. Métodos de Análise Regional: um estudo de localização e especialização para a Região Sul do Brasil. *Revista Paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, v.38, n.133, p.227-243, jul./dez. 2017.

MARANHÃO. Assembleia Legislativa. Projeto de decreto legislativo. Nº 947, DE 2001. Dispõe sobre a realização de plebiscito para a criação do Estado do Maranhão do Sul. Disponível: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?id124>. Acesso: 20/02/2019.

MASSARDI, W. O; ABRANTES, L. A. Esforço fiscal, dependência do fpm e desenvolvimento socioeconômico: um estudo aplicado aos municípios de Minas Gerais. *REGE*, São Paulo – SP, Brasil, v. 22, n. 3, p. 295-313, jul./set. 2015.

MYRDAL, G. *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. Lisboa: Editora Saga, 1965. 240 p.

OLIVEIRA, N. M; PIFFER, M. Determinantes do perfil locacional das atividades produtivas no estado do Tocantins. *Boletim de geografia*, Maringá, v. 36, n. 1, p. 92-111, 2018.

OLIVEIRA, Thiago José Arruda de. *As transformações da base econômica nos municípios do Centro Norte BR (2000-2015)*. 2017. 219 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2017.

PRATA, E. M. *Desenvolvimento regional: principais teorias*. [s. l.], v. 5, n. 2, p. 16, 2015.

PERROUX, F. *A Economia do século XX*. Porto: Herder, 1967.

SILVA, J. A.; ANDRAZ, J. M.. O padrão de especialização e a localização das actividades económicas na região do Algarve. *Revista Estudos I, Algarve*, p.177-194, 2004. Disponível em: Acesso em: 31 jan. 2019.

SOUZA, Nali de Jesus. *Economia regional: conceitos e fundamentos teóricos*. *Revista Perspectiva Econômica*, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano XVI, v 11, n 32, 1981, p.67-102.

XU, N.; CHENG, Y.; XU, X. Using Location Quotients to Determine Public–Natural Space Spatial Patterns: A Zurich Model. *Sustainability*, [s. l.], v. 10, n. 10, p. 3462, 2018.